

AQUARELAS*

II

O PARASITA

(continuação)

O parasita literário tem os mesmos traços psicológicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro literário. A única diferença está nos fins, de que se afastam léguas; aquele é porventura mais casto, e não tem mira no resultado pecuniário – que parece inspirar o fanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita literário; senta-se a ela com toda a sem-cerimônia; come e distribui pratos com o sangue frio mais alemão deste mundo – diante da paciência pública – que vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da literatura*. Vieirinha, lembro ao leitor, é aquela personagem que todos têm¹ visto em um drama nosso.²

De feito, este parasita é um Vieirinha, sem tirar nem pôr; cortesão das letras cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder tocá-las. Só não sobe ao monte sagrado,³ porque é uma excursão difícil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais sérias. Ali, ficam eles nas fraldas, soltando uma orquestra de gemidos, até que o velho cavalo os vem despedir com uma amabilidade de pata sofrivelmente acerba.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 6, p. 1-3, 9 out. 1859) e ESP2009 (p. 45-50). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Víctor Freitas, Beatriz Lúcia da Silva.

¹ têm] tem – em ESP. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

² Vieirinha: personagem de *As asas de um anjo*, de José de Alencar, peça que foi representada no teatro Ginásio Dramático, com estreia em 30 de maio de 1858. (FARIA, 1987, p. 85) É um inescrupuloso, comete vilezas, vive à custa de mulheres. (ALENCAR, v. II, p. 200)

³ “Trata-se do Monte Parnaso, no sul da Grécia, dedicado a Apolo e às Musas, deusas inspiradoras das Artes.” (MOISÉS, 1967, p. 19, nota de rodapé) Como logo adiante Machado de Assis menciona “o velho cavalo” e sua “pata” (alusão ao Pégaso, cavalo mitológico alado, que, com uma patada fez nascer a fonte Hipocrene no monte Hélicon, cujas águas inspiravam os poetas), pode ser que o “monte sagrado” mencionado seja o Hélicon.

Um couce⁴ é sempre uma resposta às suas súplicas... Represália no caso.

Eterna lei das compensações!

Entre nós o parasita literário é uma individualidade que se encontra a cada canto. É fácil verificá-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquela mesa intelectual, um chuvaireiro de prosa ou verso, sem dizer – água vai!⁵

Verificai-o!

O jornal aqui não é propriedade, nem da redação nem do público, mas do parasita. Tem também o livro, mas o jornal é mais largo, e mais fácil a contê-los.⁶

Às vezes o parasita associa-se e cria um jornal próprio.

Aqui é que não há escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! É o rei Sancho na sua ilha!⁷

Ele pode parodiar o dito histórico: *l'état c'est moi!* porque as quatro ou seis páginas, na verdade, são dele, todas dele.⁸ Ele pode gritar ali, ninguém lho impedirá, ninguém; uma vez que não ofenda a moral pública. A polícia para onde começa o intelectual e o senso comum;⁹ não são crimes no código as ofensas a esses dois elementos de sociedade constituída.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita literário invade, como o Huno moderno, a Roma da intelectualidade, com a decência moral nos lábios, mas sem a decência intelectual.

Tem pois o jornal, próprio ou não próprio, onde pode sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. Se desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro!

Tem ainda o livro, sim. Meia dúzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos têm direito a esta operação simples, e o parasita por conseguinte.

Abrir esse livro e compulsá-lo, é que é heroico e digno de pasmo. – O que há por ali,¹⁰ santo Deus! Se é um volume de versos – temos nada menos que uma coleção de *pensamentos* e de notas arranhadas laboriosamente em harpas selvagens como um

⁴ couce] coice – em ESP2009.

⁵ “*sem dizer: água vai!*: sem avisar.” (NASCENTES, 1966, p. 13)

⁶ a contê-los.] de contê-los. – em ESP2009.

⁷ João Roberto Faria, em ESP2009, localiza a passagem referida por Machado de Assis no trecho em que “um duque e uma duquesa, por brincadeira, entregam o governo da ilha Baratária a Sancho Pança”. (2009, p. 50, nota 2). Ele toma posse da sua ilha no capítulo XLV da segunda parte do *D. Quixote de la Mancha*.

⁸ “*L'état c'est moi!*” – frase atribuída a Luís XIV (1638-1715), rei de França, nos tempos do absolutismo. Quanto aos periódicos, no século XIX, geralmente, eles tinham 4 ou 6 páginas.

⁹ senso comum;] senso comum: – em ESP2009.

¹⁰ ali,] aí, – em ESP2009.

tamoio. Se é prosa – temos um apontado¹¹ de frases descabeladas que se prendem entre si, segundo a opinião do autor. É muitas vezes um drama, um romance misterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quisesse ferir individualidades, tocar em susceptibilidades,¹² desenrolaria aqui um sudário dessas invasões na literatura; mas o meu fim é o indivíduo, e não um indivíduo.¹³

O parasita literário vai ainda aos teatros. Esta invenção de recitar nos teatros, tirada da antiguidade grega, que levantava um bardo em um festim, como nos mostra a Odisseia,¹⁴ abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade que é ainda a polícia, não indaga do mérito da obra, e quer apenas saber se há alguma cousa¹⁵ que fira a moral. Se não, pode invadir a paciência pública.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita literário. As salas dos nossos teatros têm repercutido imensas vezes com esses arranhamentos de lira. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição; a plateia deve receber aquele aguaceiro intelectual.¹⁶

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isto, é que sendo o parasita literário o vampiro da paciência humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo? adeptos, simpatias, aplausos!

Há quem lhes faça crer que alguma cousa lhes ruma pela cabeça como a André Chénier;¹⁷ eles, a quem já não faltava vontade de crer, aceitam como princípio evidente, essa solução do impossível, que a parvoíce lhe dá de boa vontade.

Que gente!

Os traços fisiológicos do parasita são especiais e característicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam¹⁸ na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias. Assumem a certo ar pedantesco,¹⁹ tomam um timbre

¹¹ apontado] amontoado – em ESP2009.

¹² susceptibilidades,] suscetibilidades, – em ESP2009.

¹³ indivíduo.] indivíduo – em ESP.

¹⁴ Odisseia,] *Odisseia*, – em ESP2009. Referência ao canto VIII da *Odisseia*, em que o aedo Demódoco recita um episódio da Guerra de Troia no meio da sala do banquete oferecido a Ulisses pelos feácios. (HOMERO, 2011, p. 237-239, versos 44-95)

¹⁵ cousa] coisa – em ESP2009. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas.

¹⁶ Era comum no século XIX, entre jovens poetas, o hábito de recitar. Ubiratan Machado (2001, p. 104) afirma: “Para os recitativos, qualquer lugar e hora eram propícios.”

¹⁷ João Roberto Faria (2009, p. 50, nota 4) vê possível associação entre esta passagem e as últimas palavras do poeta, que foi guilhotinado durante a Revolução Francesa: “Apontando para a cabeça, que ia ser cortada, teria dito: ‘Pourtant, j’avais quelque chose là’. Em português: ‘No entanto, eu tinha algo nela’.” Machado de Assis traduziu-lhe um poema escrito na prisão – “A jovem cativa” –, que incluiu em *Crisálidas* (1864).

¹⁸ Note-se que o autor passa ao plural, fazendo a concordância com “os parasitas” – que não constam (no plural) no período anterior. Dirige, assim, o pensamento do leitor para a multiplicidade de casos da espécie – “o parasita”. Ao final do parágrafo, ele retoma a ideia geral, a espécie.

¹⁹ Assumem a certo ar pedantesco,] Assumem um certo ar pedantesco, – em ESP2009 (com registro da variante do texto-fonte no rodapé).

dogmático nas palavras; e ao contrário do fanqueiro que tem a espinha dorsal mole e flexível – ele não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas por compensação, há a modéstia nas palavras ou certo abatimento, que faz lembrar esse *ninguém elogiado* da comédia.²⁰ Mas ainda assim vem a afectação;²¹ o parasita é o primeiro que está cômico de que é alguma coisa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazerem alguma coisa para a sociedade, honrar²² a massa nacional, contendo-se na sua esfera própria; mas nada, saem uma noite da sua nulidade e vão por aí matando a ferro frio...

É que tem o evangelho diante dos olhos...

Bem-aventurados os pobres de espírito.²³

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na igreja,²⁴ na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte.

Na igreja²⁵ sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incautos, e das turbas. Transforma o altar em balcão e a âmbula em balança. Regala-se à custa de crenças e superstições, de dogmas ou preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A história é uma larga tela dessas torpezas cometidas à sombra do culto.

O parasita da igreja²⁶ toda a idade média²⁷ o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. Mediante o ouro aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam; depois, levantou a abstinência alimentar, quando o crente lhe dava em troca uma bolsa.

É um desmoroamento social. O parasita teve uma famosa ideia em embrenhar-se pela igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnífica para a estupidez que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim colocado no centro da sociedade, desmoraliza a igreja, polui a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das famílias, sem haver sacudido

²⁰ João Roberto Faria (2009, p. 50, nota 5) sugere que a referência seja ao personagem “Ninguém”, que contracena com “Todo o Mundo”, no *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente. Nesta comédia, “Ninguém” representa os valores morais elevados, em oposição aos de “Todo o Mundo”.

²¹ affectação;] afetação; – em ESP2009.

²² “Podiam ser... fazerem... honrar”: observe-se o anacoluto (quebra na sintaxe), no tocante ao infinitivo flexionado.

²³ Referência bíblica: Mt 5,3.

²⁴ igreja.] Igreja, – em ESP2009. As variantes subsequentes de “igreja” (com inicial maiúscula), todas idênticas a esta, não serão anotadas.

²⁵ Na igreja] Na Igreja, – em ESP2009.

²⁶ da igreja] da Igreja, – em ESP2009.

²⁷ idade média] Idade Média – em ESP2009.

o pó das torpezas que lhe nodoa as sandálias. Dominou moralmente as massas, os espíritos fracos, as consciências virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer; a fogueira de J. Huss,²⁸ não queimou só o grande apóstolo, devorou também o vestíbulo desse edifício de misérias levantado por uma turba de parasitas, parasitas da fé, da moralidade e do futuro.

A nós o derrocar a cúpula.

Em política, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma opinião ao grado das circunstâncias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a frente levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escândalo.

Exíguo de luz intelectual, – toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as maiorias. Não pensa mal! quem a boa árvore se encosta...

Alguns sobem assim; e todos os povos têm sentido mais ou menos o peso do domínio desses boêmios de ontem.

Deixá-los subir às mesas supremas do festim público. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais fácil o ingresso ao parasita. Encarta-se aí em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Paris ou em Viena. Lá representam tristemente a pátria que os viu nascer, na massa colectiva²⁹ da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas como corifeu da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fatigar, fazer uma enumeração mais longa das famílias de parasitas que irradiam destas espécies cardeais. Seria, entretanto, uma longa história que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarelas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quase.

Em economia política é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias, mas um trabalho de séculos. Os meios não os darei eu aqui. Reproduzo, não moralizo.

M-as.

²⁸ Jan Huss (Husinec, Boêmia, 1379? – Constança, 1415): religioso, pensador e reformador tcheco, foi executado na fogueira, acusado de heresia.

²⁹ colectiva] coletiva – em ESP2009.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

Referências

ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.

ASSIS, Machado de. Aquarelas II. O parasita (continuação). *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-3, 9 out. 1859.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700037/per700037_1859_00006.pdf>.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.

Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Tradução dos viscondes de Castilho e Azevedo. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FARIA, João Roberto. Organização, introdução e notas. Ver ASSIS, 2009.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOISÉS, Massaud. Ver ASSIS, 1967.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.